

O Auto da Compadecida e a religiosidade popular

The Auto da Compadecida and popular religiosity

Bruno Rodrigues de Sales

Graduado em Filosofia pela Faculdade Claretiano

sem.bruno18@gmail.com

<https://lattes.cnpq.br/9337988450438311>

Resumo

O presente artigo tem como proposta analisar a obra *O auto da Compadecida* (1955), do escritor Ariano Suassuna, e a influência que sofreu da religiosidade popular. Para isso, será apresentado o que se entende por religiosidade popular e a forma como se apresenta na cultura nordestina, delimitando, assim, o ambiente cultural-religioso em que a obra se insere. Em seguida, serão vistos os arquétipos religiosos que o escritor utilizou para criar seus personagens, sendo os mesmos apresentados como tendo sido retirados do arcabouço religioso da cultura popular do nordeste brasileiro. Por fim, apresentar-se-á certos elementos de religiosidade popular aparentes nas ações das personagens da peça..

Palavras-chave: Religiosidade popular. Suassuna. Compadecida. Nordeste.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the work *O auto da Compadecida* (1955), by writer Ariano Suassuna, and the influence it suffered from popular religiosity. To do this, we will introduce what is meant by popular religiosity and the way it is presented in Northeastern culture, thus delimiting the cultural-religious environment in which the work is set. Next, we will look at the religious archetypes that the writer used to create his characters, which are presented as having been taken from the religious framework of the popular culture of northeastern Brazil. Finally, certain elements of popular religiosity apparent in the actions of the play's characters will be presented.

Keywords: Popular religiosity. Suassuna. Compadecida. Northeastern Brazil



Introdução

Poucas obras literárias conseguem o status que o *Auto da Compadecida* (1955) alcançou. Status este de representatividade de uma região, uma cultura e, indo além, de um povo. No entanto, a grandeza da obra não se fundamenta apenas no alcance territorial e representativo, mas também na profundidade humanística que possui, pois, os mais variados temas podem ser abordados a partir do *Auto da Compadecida*. Sabendo disso – da variedade temática – o tema que será abordado neste momento, será a religiosidade dentro dessa peça de Ariano Suassuna.

Antes do mais, será apresentado o conceito de religiosidade popular – com enfoque para a católica, posto que ela toca na peça – como pressuposto da discussão aqui tomada. Em seguida, tratar-se-á, de modo geral, das origens e desenvolvimento da religiosidade popular no nordeste do Brasil. Após isso, adentrando a obra do Suassuna, serão expostos os arquétipos por ele utilizado, para depois analisar alguns elementos da religiosidade popular que estão presente no texto da peça.

O que é religiosidade popular?

Muitos estudiosos e filósofos da religião reconhecem no ser humano uma dimensão que lhe é própria – além das demais existentes (razão, cultura, política, etc.) – e que o diferencia dos outros animais, essa dimensão é por eles chamada de: dimensão religiosa ou religiosidade.

Para Mircea ELIADE (2010, p. 13), “o sagrado é um elemento da estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência”. Isso significa dizer que a religiosidade, isto é, a capacidade – ou necessidade – de ser religioso é inerente ao ser humano, faz parte de sua própria natureza. Eliade “se interessou muito de perto pelo comportamento do homem religioso e acabou distinguindo dois tipos de seres humanos. De um lado, via o *homo religiosus* com seu universo espiritual. Esse homem crê numa realidade absoluta, o sagrado. De outro, temos o homem irreligioso, que rejeita qualquer transcendência; esse é o homem natural” (RIES, 2017, p. 63). O *homo religiosus* é, portanto, a dimensão religiosa do ser humano.

Considerando essa dimensão religiosa, tem-se então um argumento para sustentar o motivo de as questões religiosas surgirem naturalmente na vida de cada ser humano, suscitando uma grande variedade de crenças religiosas e de práticas populares. Com isso, chegamos a um termo de religiosidade que nasce espontaneamente, a partir da experiência de um sujeito (ou comunidade) com uma determinada religião institucional, mas que não se prende a ela. Na verdade, a experiência do sujeito (ou comunidade) toma contornos próprios, identitários, que o distingue, em parte, da



religião institucional. Desse modo, a religiosidade não é sinônimo de religião. Numa distinção grosseira, pode-se dizer que a primeira é informal, enquanto a segunda é formal.

A realidade indicada pela palavra "religiosidade popular" refere-se a uma experiência universal: no coração de cada pessoa, como na cultura de cada povo e em suas manifestações coletivas, uma dimensão religiosa está sempre presente. Todo povo, de fato, tende a expressar sua visão total de transcendência e sua concepção de natureza, sociedade e história, através de mediações culturais, em uma síntese característica, de grande significado humano e espiritual (CONGREGACIÓN PARA EL CULTO DIVINO Y LA DISCIPLINA DE LOS SACRAMENTOS, 2002, §10).

O termo religiosidade popular, portanto, indica um modo de se relacionar com o sagrado baseado numa determinada tradição religiosa, mas ainda assim com certa liberdade desta, de maneira que existe a possibilidade de dar feições próprias – em termos de cultura e regionalismo – às ideias e crenças. Além disso, pode-se complementar dizendo que ela não está necessariamente ligada à ideia cristã de revelação divina. Entretanto,

Em muitas regiões, expressando-se em uma sociedade impregnada com várias formas de elementos cristãos, dá origem a uma espécie de "catolicismo popular", em que coexistem, mais ou menos harmoniosamente, elementos do sentido religioso da vida, da cultura de um povo, da revelação cristã (CONGREGACIÓN PARA EL CULTO DIVINO Y LA DISCIPLINA DE LOS SACRAMENTOS, 2002, §10).

De tal modo, para a Igreja Católica a religiosidade popular:

Refere-se à grande variedade de manifestações da fé cristã encontrada no seio do Povo de Deus na Igreja. Refere-se, sobretudo, à sabedoria católica do povo, que se expressa de muitas maneiras diferentes. Esta sabedoria faz estar junto, de forma criativa, o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e sentimento (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2015, §108).

Considerando o que até aqui foi exposto, pode-se dizer, resumidamente que: a religiosidade popular católica nasce da relação entre o sujeito (ou comunidade) com a Igreja institucional e sua doutrina formal, mas que não se prende totalmente a ela. Com efeito, desse relacionamento livre, surgem novas formas de contato com o Divino (o Sagrado) que sejam mais próximos de cada cultura em particular.

Origem e desenvolvimento da religiosidade popular no nordeste brasileiro



Tendo visto o que se compreende com o termo “religiosidade popular” vamos ver seu surgimento e desenvolvimento no Brasil, de modo específico no Nordeste.

Com a chegada dos portugueses, em 1500, nas terras brasileiras; trouxeram consigo suas crenças religiosas, isto é, o cristianismo católico. Como exemplo disso, basta citar um dos primeiros atos dos navegadores ao chegarem, que foi o erguimento de uma cruz e a celebração de uma missa. Isso é um fato importante, pois para os portugueses os símbolos religiosos eram uma constante em suas vidas, como aponta MACEDO (2008, p. 2):

Em Portugal símbolos como as cruzes eram constantes em praças, igrejas, ruas, sepulturas, ao longo de caminhos, nos cordões, peitorais e escapulários, nas exclamações invocatórias e protetoras, no velame das caravelas. Por toda parte imagens de santos povoavam as vilas, cantos de ruas, altares, oratórios e capelas, interior de casas, cultos à Virgem Maria, festas, romarias e procissões nas ruas que se repetiram no Novo Mundo.

Contudo, o catolicismo vindo para o Brasil é apresentado em duas formas distintas. Segundo TAVARES (2013, p. 36) a primeira é o catolicismo da elite portuguesa, detentora do poder monetário e político na colônia. Conhecido como catolicismo patriarcal, ele é marcado pela ligação de bispos e padres com a coroa portuguesa [...]. A segunda forma de catolicismo, conhecida por catolicismo popular tradicional, chega ao país através dos portugueses pobres e se estabelece principalmente nas zonas rurais. Vai ficar marcado pela sua porosidade, devido a relação entre os colonos pobres, os índios destribalizados, os ex-escravos e todos os tipos de mestiços. Com o tempo, essa forma de catolicismo se torna a mais comum no Brasil.

Esse catolicismo popular trazido pelos portugueses acabou se mesclando com alguns elementos das culturas indígenas aqui já existentes. De tal modo, a chegada do elemento religioso cristão e seu contato com as crenças indígenas, deram origem uma nova forma de religiosidade que se desenvolveu na colônia portuguesa. Além do mais, se embrenharam nas entranhas do território brasileiro; chegaram-se aos sertões.

Com o passar do tempo, missões forma organizadas para darem auxílio aos colonizadores no que dizia respeito à religião. Assim, durante os sécs. XVII e XVIII, foram enviados, gradualmente, jesuítas, franciscanos, beneditinos, etc. que eram responsáveis pela catequese e fundação de igrejas. Após a criação de dioceses no Brasil e, portanto, da divisão em paróquias; os padres começaram a se estabelecerem sobre uma circunscrição territorial eclesiástica afim de darem assistência naquele determinado território. No séc. XIX, nos sertões nordestinos, as paróquias assumiam uma ampla



territorialidade, em consequência pouca – ou nenhuma – assistência poderia ser fornecida pelos párocos ¹.

Desse modo, as comunidades cristãs do interior do sertão mantinham sua religiosidade sob a égide da cultura familiar, doméstica ou sob uma comunidade que se restringia aos mais próximos, territorialmente falando. Estes, em tempos estabelecidos, se reuniam em torno dos oratórios onde cantavam e rezavam suas ladainhas ou ofícios sem a presença de um sacerdote. Os cânticos, chamados de benditos – músicas advindas da tradição oral – em geral eram atribuídos a algum santo ou santa e cantados de cor, pois se tratava de uma população iletrada de modo que todas as orações e músicas eram passadas de geração em geração.

Além desses elementos acima citados, é preciso considerar a seca que atinge o Nordeste em longos períodos. De tal modo, ela também influenciou na formação da religiosidade, pois não raras vezes as orações eram feitas pedindo aos santos as bonanças de um bom tempo para plantação e boa colheita, no dito popular: “um bom inverno!”.

Com os flagelos das secas, a alta taxa de mortalidade e o êxodo nordestino; a religiosidade popular do Nordeste apresenta contornos de penitência, de maneira sincrônica aos sofrimentos vividos. De fato, uma religiosidade brota do meio em que está inserida e responde por anseios concretos da vida; no caso nordestino o sofrimento e as misérias que se originavam da condição precária das terras, pelas secas e pela marginalização social. O sofrimento, ao longo da história da humanidade, obteve variadas respostas, mas nenhuma delas tão profunda como as respostas religiosas, e esse modo religioso de responder foi o que o sertanejo encontrou.

Esse é o ambiente retratado no Auto. Um ambiente marcado pela religiosidade penitencial que procura responder os motivos dos sofrimentos e procurar um alívio para o nordestino.

Arquétipos religiosos na obra

No *Auto da Compadecida*, estão presentes, antes do mais, os arquétipos religiosos presentes na cultura nordestina [também em outras culturas, porém não vamos entrar nessa discussão]. Assim,

¹ Além disso, pode-se se ressaltar o que escreve CAVALCANTI FILHO: o catolicismo no semiárido, [que] se faz presente nas regiões mais interioranas, nada atrativas para os clérigos devido à falta de condições econômicas, dificuldades de acesso, altas temperaturas, precariedade das instalações onde funcionavam as escassas capelas, além da penúria em que vivem as populações dessa região; soma-se a isso a escassez de padres, com raras exceções. Esses fatos favoreceram um catolicismo menos rígido, mais poroso, que permite a participação mais ativa de leigos e leigas ou beatos que tinham suas funções na criação de santuários, oratórios, igrejas, casas para órfãos e capelas. [FILHO, J. R. C. **vida e morte em Cabaceiras**: construção de um catolicismo popular peculiar no semiárido nordestino no âmago do binômio seca-morte, água-vida. Tese (doutorado ciências da religião) PUC-SP. pp. 169, 2015. p. 63-64]



para entender alguns aspectos religiosos da obra é preciso ter em mente o conceito de arquétipo, para tanto, JUNG (2000, p. 53) define que

O conceito de arquétipo indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as "motivos" ou "temas"; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* de Levy-Brühl e no campo das religiões comparadas foram definidas como "categorias da imaginação" por Hubert e Mauss. Adolf Bastian designou-as bem antes como "pensamentos elementares" ou "primordiais".

Desse modo, tendo Jung definido o arquétipo como formas do espírito humano que se apresentam de maneira comum, pode-se inferir que as personagens religiosas retratadas na peça do Suassuna, não são meramente cristãs ou sertanejas, mas representam figuras gravadas na psiquê da humanidade como um todo. Segundo ROSSETTI (2003, p. 16),

Ao escrevê-la em 1955, Ariano Suassuna teve a pretensão de ser fiel à literatura de cordel. Em suas próprias palavras: “uma literatura brasileira feita à margem da civilização urbana e suas influências cosmopolitas”. No entanto, nota-se que, mesmo o autor tendo essa intenção de produzir uma obra que levasse em conta a forma pura e simples da cultura nordestina, esse público urbano e cosmopolita encantou-se e o consagrou em virtude das características ao mesmo tempo regionais e universais encontradas na obra.

Talvez isso esclareça o motivo de Ariano Suassuna não utilizar os nomes próprios das personalidades religiosas em sua obra, isto é, a razão pela qual o Diabo se apresenta como Encourado, Jesus Cristo como Manuel e a Virgem Maria como a Compadecida. Para demonstrar isso observe-se cada uma dessas personagens.

O Encourado

O próprio Suassuna estabelece quem é essa figura, afirmando ser este “o diabo, que, segundo uma crença do sertão do Nordeste, é um homem que se veste como vaqueiro” (SUASSUNA, 2013, p. 117), ou seja, com todos os apetrechos de couro, daí *encourado*.

Na peça ele tem a função do acusador – isso em consonância com a crença cristã do demônio acusador –, além disso, possui outras características típicas do diabo da mitologia judaico-cristã: arrogante, mentiroso, invejoso, farisaico, etc. Em linhas gerais, pode-se dizer que ele é formulação arquetípica de tudo que vai contra a humanidade, que lhe acusa e condena, sem possibilidade de redenção. Nota-se isso nos entremeios de uma das falas de João Grilo:



JOÃO GRILO: Foi gente que nunca suportei: promotor, sacristão, cachorro e soldado de polícia. Esse aí (o Encourado) é uma mistura disso tudo (SUASSUNA, 2013, p. 126).

Diferentemente do Manuel – que como se verá a seguir personifica a justa justiça – o Encourado se mostra como aquele que procura seu próprio benefício. Segundo FERREIRA (2014, p. 61):

Ele retrata um lado da Justiça que age em benefício próprio, pois o personagem tem interesse em que o cordão de condenados sob seu jugo aumente. Assim, no discurso dele há uma forte tendência ao alarde como maneira de chamar a atenção para seus argumentos, de modo a tornar suas exposições marcantes e fazer os pecados dos réus soarem ainda piores com a solenidade da retórica que adota.

O Encourado se manifesta como sendo aquelas tribulações que o ser humano precisa superar para alcançar a redenção. Sendo ele o diabo, aquele “se atira no meio”², isto é, que divide a humanidade da sua possibilidade de salvação. Com suas acusações, pilhérias e retórica, ele cava uma vala em torno dessas possibilidades. Como se pode notar no seguinte trecho:

ENCOURADO: [...] Que vergonha! Todos tremendo! Tão corajosos antes, tão covardes agora! O senhor bispo, tão cheio de dignidade, o padre, o valente Severino... e você Grilo que enganava todo mundo, tremendo com qualquer safado!
JOÃO GRILO: Que é que posso fazer? Já disse mais de cem vezes a mim que não tremesse e tremo. Desde que ouvi aquelas pancadas que comecei a sentir um calafrio danado.

ENCOURADO: E tem razão, porque o que vai lhe acontecer é coisa muito séria. [Sorrindo.] É engraçado como vocês empregam às vezes a palavra exata, sem terem consciência perfeita do fato. O que você sentiu foi exatamente um arrepio de danado. [Severo, ao Demônio.] Leve a todos para dentro.

[...]

JOÃO GRILO: [...] Sempre ouvi dizer que para se condenar uma pessoa ela tem de ser ouvida!

ENCOURADO: Besteira, maluquice! (SUASSUNA, 2013, p. 119-121).

O Encourado, portanto, é o arquétipo daquele que procura impedir a humanidade de salvar-se, e mais profundamente, até mesmo impedi-la de ter esperança. Ele é a antítese da Compadecida.

O Manuel

Manuel é uma variação do nome do messias dado pelo profeta Isaías: *eis que a virgem está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel* (Is 7,14). Essa profecia do Antigo

² Cf. **Catecismo da Igreja católica**, n. 2851. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p4s2_2759-2865_po.html



Testamento é retomada por Mateus ao escrever: *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa “Deus está conosco”* (Mt 1,23).

Ariano Suassuna salienta esse aspecto do Deus conosco, através das falas do Manuel:

MANUEL: [...] Ele (o Encourado) gosta de me chamar de Manuel, ou Emanuel, porque pensa que assim pode se persuadir de que sou somente homem [...]. (SUASSUNA, 2013, p. 123)

MANUEL: E eu não sou gente não, João? Sou homem, judeu, nascido em Belém, criado em Nazaré, fui ajudante de carpinteiro... Tudo isso vale alguma coisa. [...] (SUASSUNA, 2013, p. 137)

MANUEL: E é a mim que vocês vêm dizer isso, a mim que morri abandonado até por meu Pai! (SUASSUNA, 2013, p. 145).

O arquétipo da divindade presente, o Deus que se torna humano para ajudar a humanidade em seu caminho é uma crença comum a diversas religiões e culturas. No entanto, para o nordestino, esse elemento base do pensamento religioso, lhe toca com mais afinidade, pois, sendo ele fundamentalmente cristão, a figura do Cristo que se encarna na terra e sofre, lhe é uma figura próxima. O Jesus sofredor é imagem do sertanejo sofredor. A própria Compadecida também atesta isso na peça:

COMPADECIDA: João foi pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa (SUASSUNA, 2013, p. 151).

A religiosidade popular nordestina é insuflada pelo sentido do sofrer humano, para tanto, não há nada mais adequado que o Cristo sofredor, crucificado, humanizado. Outro ponto da peça que demonstra a proximidade do Manuel é sua chegada, ao surpreender todos com a cor de sua pele, quando se faz próximo daqueles que sofrem preconceito racial.

As pancadas do sino continuam e toca uma música de aleluia. De repente, João ajoelhando-se, como que levado por uma força irresistível e fica com os olhos fixos fora. Todos vão-se ajoelhando vagarosamente. O Encourado volta rapidamente as costas, para não ver o Cristo que vem entrando. É um preto retinto, com uma bondade simples e digna nos gestos e nos modos [...].

ENCOURADO: Quem é? É Manuel?

MANUEL: Sim, é Manuel, o Leão de Judá, o Filho de Davi. Levantem-se todos, pois vão ser julgados. (SUASSUNA, 2013, p. 122-123)

MANUEL: [...] Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim, tanto faz branco como preto [...]. (SUASSUNA, 2013, p. 125).



No entanto, por esse trecho, nota-se que o Manuel é também o juiz. Em primeiro plano, aludindo a crença judaico-cristã do messias juiz³. Em segundo, tem-se o arquétipo do julgamento da alma após a morte – também presentes em outras culturas e religiões. Esse aspecto de juiz dá ao Manuel seu caráter divino, isto é, sua distância da humanidade. Distância esta aludida por João Grilo na peça:

MANUEL: E eu não sou gente, João? [...]
JOÃO GRILO: O senhor quer saber de uma coisa? Eu vou lhe ser franco: o senhor é gente, mas não é muito, não! É gente e ao mesmo tempo é Deus, é uma mistura muito grande. Meu negócio é com outro (SUASSUNA, 2013, p. 137).

Sendo juiz, Manuel se torna a personificação [arquetípica] da justiça divina. Desse modo, para ser justo, isto é, imparcial; toma, por assim dizer, certa distância dos réus. Eis, assim, a razão de João apelar para a Compadecida.

A Compadecida

A personagem da Compadecida, que dá título a obra, é a virgem Maria como intercessora dos homens. Ao contrário do Encourado, que parece ser a representação de tudo que é contra a humanidade e que lhe condena, ela aparece como aquela que vê a bondade e a possibilidade de salvação.

Na peça, ela é pré-anunciada como “a mãe da justiça”, sendo Manuel a personificação da Justiça, o Suassuna lhe atribui tal título.

JOÃO GRILO: O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo.
MANUEL: Quem é?
JOÃO GRILO: A mãe da justiça.
ENCOURADO: Ah, a mãe da justiça! Quem é essa?
MANUEL: Não ria, porque ela existe.
BISPO: E quem é?
MANUEL: A misericórdia (SUASSUNA, 2013, p. 139-140).

A misericórdia; essa é a face que a Compadecida assume. Ela é arquétipo da compaixão e da bondade, do auxílio nas necessidades e, principalmente, da esperança de redenção da humanidade.

A Virgem Maria assume essa face de misericórdia por sua humanidade. É pela comunhão na espécie humana, com todos os seus dramas, que a Compadecida se compadece, pois ela também passou pelas tristezas da existência nesta terra. Eis a razão de João Grilo pedir seu auxílio:

³ Cf. Dn 7,10; Jl 3-4; Sf 1, 14-15; Ml 3,19.



MANUEL: E por quem eles iriam gritar?

JOÃO GRILO: Por alguém que está mais perto de nós, por gente que é gente mesmo! (SUASSUNA, 2013, p. 137).

A mesma Compadecida confessa essa condição de vínculo pela humanidade:

COMPADECIDA: [...] É verdade que eles praticaram atos vergonhosos, mas é preciso levar em conta a pobre e triste condição do homem. A carne implica essas coisas turvas e mesquinhas. Quase tudo o que eles faziam era por medo. Eu conheço isso, porque convivi com os homens: começam com medo, coitados, e terminam por fazer o que não presta, quase sem querer. É medo (SUASSUNA, 2013, p. 145).

No caminho inverso do Encourado, que se apoia na fraqueza da humanidade para condenar os réus, ela alega a fraqueza humana como a geradora de medos e, por isso, de perdição para os homens. Ela pede que seu Filho seja compassivo com quem é fraco, pois, conhece a condição humana, e ainda recorda ao Manuel que ele mesmo assumiu essa condição.

COMPADECIDA: [...] Mas não se esqueça (Manuel) da noite no jardim, do medo por você teve que passar, pobre homem, feito de carne e de sangue, como qualquer outro e, como qualquer outro, abandonado diante da morte e do sofrimento (SUASSUNA, 2013, p. 145-146).

É a humanidade da Compadecida que faz com ela tenha esperança de salvação – que no fim da peça se concretiza – por causa da sua experiência na vida humana terrestre ela tem consciência da capacidade do ser humano se tornar melhor, apesar das fraquezas. Portanto, a compadecida é também arquétipo de uma humanidade melhor que mantém viva a esperança em si mesma de melhorar.

Elementos da religiosidade popular observáveis na obra

Depois de uma vista geral nos três principais arquétipos religiosos que o *Auto da Compadecida* traz, observe-se agora, também três elementos da religiosidade popular que estão presentes na obra.

Purgatório

O purgatório faz parte da doutrina católica. Trata-se da ideia de que, após a morte, a alma – além das possibilidades de paraíso e inferno – pode ir para um estado à parte dessas. Nesse estado se encontram as almas que deveriam ir para o paraíso, mas que ainda precisam de uma purificação



antes de seguir para lá. É, portanto, um lugar para purgar (limpar) os resquícios de pecado que estejam na alma, antes dela prosseguir para a bem-aventurança. O Catecismo Católico define como o catolicismo vê essa doutrina:

A Igreja chama Purgatório a esta purificação final dos eleitos, que é absolutamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativamente ao Purgatório sobretudo nos concílios de Florença e de Trento. A Tradição da Igreja, referindo-se a certos textos da Escritura fala dum fogo purificador (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 2851).

Esse estado da alma, está estritamente vinculado à oração pelos defuntos, coisa muito preciosa para a religiosidade popular nordestina. Como exemplo, se pode citar o antigo Ofício das almas do Purgatório⁴. Com efeito, como salienta RATZINGER (1985, p. 112), “poucas coisas são tão espontâneas, humanas e universalmente difundidas, em qualquer tempo, em todas as culturas, do que a oração pelos próprios defuntos queridos”. No Nordeste, a crença no Purgatório tornou-se importante, especialmente devido a esse tipo de oração pelos defuntos, pois eram consideradas necessárias para que os mortos encontrassem descanso e não viessem assombrar alguém; para “pedir reza”, conforme o dito popular.

Por se tratar de um lugar de purificação dos pecados, pode-se entender o motivo de, na peça do Auto, João Grilo propor a Manuel esta saída para seus companheiros.

JOÃO GRILO: Os cinco últimos lugares do purgatório estão desocupados?

MANUEL: Estão.

JOÃO GRILO: Pegue esses cinco camaradas e bote lá.

A COMPADECIDA: É uma boa solução, meu filho. Dá para eles pagarem o muito que fizeram e assegura a sua salvação (SUASSUNA, 2013, p. 149).

Como foi visto anteriormente, Manuel personifica a justiça e a Compadecida a misericórdia. Assim, o purgatório é o entremeio de justiça e misericórdia, de modo que, Manuel e a Compadecida tem seus interesses atendidos. Pois no purgatório os réus pagarão o justo pelo que fizeram e, por misericórdia, serão salvos.

Promessas

Outro elemento que se pode observar são as promessas. Elas são feitas “nos momentos de maior necessidade, sofrimento, angústia e desespero [...]. Nessas situações geralmente ocorrem as

⁴ Esse ofício consta de 8 partes, composta de versos em quadra, sempre iniciadas com a estrofe: Sede em meu favor/ Salvador do mundo/ e das almas santas/ do lago profundo. E encerradas com a estrofe: Ouve meu bom Deus/ meu deprecatório/ em favor das almas/ lá do purgatório.



promessas que são feitas em troca das graças alcançadas e na solução das dificuldades concretas no dia a dia” (FILHO, 2015, p. 64-65). Elas são espécies de contrato com santos devocionais; o devoto pede ao santo a graça e lhe oferece algo em troca – em geral coisas simples, como acender uma vela, mas há também as mais elaboradas como uma viagem a determinado santuário ou lugar sagrado. De acordo com PALEARI (apud FILHO, 2015, p. 84),

Existe uma ética pessoal que reflete a ligação da pessoa com o santo, ética composta de preceitos e leis que regulam a troca de benefícios, a inter-ajuda, o respeito e até a vingança, quando acontece a quebra da palavra dada, como, de outro, há recolha quando o santo não respeita a promessa feita.

Esse elemento da promessa, e também da *ética promessional*, por assim dizer, se apresenta na obra do Suassuna, já no último diálogo entre João e Chicó.

CHICÓ: Eu pensei que você tinha morrido, João!
JOÃO GRILO: E o que é que tem isso, homem?
CHICÓ: Tem que eu, pensando que não tinha mais jeito, fiz uma promessa a Nossa Senhora para dar todo o dinheiro a ela, se você escapasse!
JOÃO GRILO: Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!
CHICÓ: Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!
JOÃO GRILO: Mas Chicó, como é que se faz uma promessa dessas?
CHICÓ: E eu sabia lá que você ia escapar, desgraça? Oh homem duro de morrer, meu Deus!
JOÃO GRILO: Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó! [.....]
CHICÓ: Mas já foi feita e o jeito é pagar (SUASSUNA, 2013, p. 163-164).

A promessa foi paga pelos dois, em função do pedido atendido de Chicó, isto é, o de João Grilo escapar da morte. Por essa razão, e em virtude da ética da promessa, ambos os protagonistas vão entregar todo o dinheiro à santa. Dessa forma, Ariano Suassuna retrata a crença popular da eficácia das promessas e seu lugar de importância na religiosidade popular do sertanejo, pois, na peça, se viu as duas faces desse contrato. A primeira, a justiça e a misericórdia que salvam João Grilo no tribunal, em seguida, a oração do amigo Chicó, feita por meio da promessa para que ele escapasse da morte. Essa é uma espécie de comunhão dos santos simbolizada pelo autor paraibano.

Letras sagradas

O terceiro, e último elemento trazido aqui, é o teor das letras, isto é, como na crença popular as letras das orações adquirem também elas uma sacralidade que, em alguns casos, chega beirar a crença em fórmulas mágicas.



De fato, na religiosidade popular mais antiga, as orações não podiam ser ditas a qualquer hora, elas tinham o momento certo de serem recitadas. Como exemplo, havia a crença que, se alguém começasse recitar o ofício da Imaculada Conceição, deveria terminar, pois, ao iniciar a Virgem Maria se ajoelitaria nos céus e levantaria somente ao terminar. Isso significava que era necessário terminar as orações que se começassem.

Entre as orações mais sagradas estavam as do ritual da missa. Tanto pelo ar misterioso que elas tinham, pois as missas eram rezadas em latim, de modo que as pessoas não entendiam, o que causava nelas uma aura de mistério e inefabilidade. Mas também por se tratar das palavras que eram ditas na celebração mais importante do catolicismo. Desse modo, para estas orações, a reverência e o respeito deveriam ser redobrados.

No *Auto da Compadecida*, a quebra da sacralidade das orações é uma das acusações do Encourado contra o Bispo e o Sacristão:

ENCOURADO: (*acusando o bispo*) [...] E o trecho que foi cantado no enterro é uma oração da missa dos defuntos. (SUASSUNA, 2013, p. 126)

MANUEL: [...] Faça a acusação do sacristão.

ENCOURADO: Esse sujeito foi quem tramou a história do enterro. Foi ele quem saiu cantando o trecho da missa atrás do cachorro, com olho nos três contos. Em latim, na língua que você escolheu. Hipocrisia e autossuficiência chegaram e aí ficaram [...] (SUASSUNA, 2013, p. 130).

Voltando para o primeiro ato da peça, vê-se que o Suassuna salienta bem isso, pois ele colocou na boca da personagem, Sacristão, o texto da missa dos defuntos:

SACRISTÃO:

Enquanto se encaminha para a direita em tom de canto gregoriano.

Xaréu, absolve, Domine, animas omnium fidelium defunctorum ab omni vinculi delictorum.

No Missal Romano de rito tridentino [que vigorou até 1965] lê-se o seguinte:

Absolve, Domine, animas omnium fidelium defunctorum ab omni vinculi delictorum. **V:** Et gratia tua illis succurre, mereantur evadere judicium ultionis. **V:** et lucis aeterna beatitudine perfrui.

Livrai, Senhor, as almas de todos os defuntos, de todos os vínculos de seus delitos. **V:** E, com o auxílio de vossa graça, concedei que mereçam escapar ao juízo da vingança. **V:** Gozem da bem-aventurança da eterna luz.



Desse modo, um dos erros do Sacristão foi ter utilizado um texto sagrado para um animal irracional, cuja alma a existência é duvidosa, como é colocado por João Grilo ⁵. Ora, se a alma do cachorro não existe, ela não usufruiria dos benefícios da oração, pois, reza-se para que o defunto seja desvinculado das culpas de seus pecados e entre na luz eterna, logo a recitação da oração se torna inútil, algo que deveria ser evitado.

Pode-se ainda observar a presença do sagrado nas palavras quando, antes da intercessão da Compadecida, João Grilo pede que o Padre reze uma Ave Maria.

JOÃO GRILO: [...] Maria vai-nos defender. Padre João, puxe aí uma Ave-Maria!
PADRE, *ajoelhando-se*
Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus.
JOÃO GRILO: Um momento, um momento. Antes de respondermos, lembrem-se de dizer, em vez de “agora e na hora de nossa morte”, “agora na hora de nossa morte”, porque do jeito que nós estamos, está tudo misturado.
TODOS: Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora na hora de nossa morte. Amém (SUASSUNA, 2013, p. 143).

As palavras têm tamanha importância que mesmo João Grilo pretende que sejam ditas da maneira correta corrigindo-as de modo que se enquadrem ao seu estado de falecido. Além, disso, a intercessão da Compadecida começa após todos terem recitado a Santa Maria, isto é, a segunda parte da oração da Ave Maria. Daí vê-se esboçada a crença na força das palavras oracionais e deprecatórias.

Considerações finais

O *Auto da Compadecida* é uma obra simples, porém, densa. Dela se pode extrair reflexões a respeito de vários temas da vida. Seus personagens são figuras regionais, mas suas raízes estão fincadas no espírito humano, de modo que se tornam universais.

Em relação à religiosidade, a peça se mostra fruto das crenças populares do sertão nordestino. Contudo, quando se observa mais profundamente, vê-se que o ambiente de onde brota essa religiosidade nordestina tem influências históricas, geográficas, climáticas, etc. Isso leva a outro nível de profundidade, o de reconhecer na humanidade a necessidade das crenças e a capacidade de ser religioso. É nesse paradigma – Sertão < Nordeste < Espírito humano – que se insere a relação do *Auto da Compadecida* com a religiosidade.

⁵ JOÃO GRILO: Alma não digo, porque acho que não existe alma de cachorro [...]. (SUASSUNA, 2013, p. 50).



Por fim, considere-se que no último ato da obra de Suassuna temos um tribunal levantado. Um promotor que procura levar a humanidade por suas acusações, encobrindo a possibilidade de redenção; um juiz justo, que não busca seu próprio benefício, mas profere as sentenças de acordo com o que é certo; e uma advogada, que mantém viva a esperança de redenção da humanidade caída pelo medo. Essa é, a mensagem religiosa da peça do Suassuna: o ser humano que ainda em nossos dias, busca por redenção, apesar das acusações.

Referências

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em - https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/pls2cap3_683-1065_po.html - acesso em 03 jun 2021.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O sensus fidei na vida da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 2015.

CONGREGACIÓN PARA EL CULTO DIVINO Y LA DISCIPLINA DE LOS SACRAMENTOS. *Directorio sobre la piedad popular y la liturgia: principios y orientaciones*. 2002. Disponível em - https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html - acesso em 08 jun 2021.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das deusas religiosas I: da idade da pedra aos mistérios de elêusis*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

FERREIRA, Juliana de Paiva. *O Auto da Compadecida e os estereótipos do Sertão: Entre Guel Arraes e Ariano Suassuna*. Monografia. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pp.76. 2014.

FILHO, J. R. C. *Vida e morte em Cabaceiras: construção de um catolicismo popular peculiar no semiárido nordestino no âmago do binômio seca-morte, água-vida*. Tese (doutorado ciências da religião) PUC-SP. pp. 169, 2015.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis – RJ, Vozes, 2000. (Obras completas 9/1).

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. *Revista Ágora*. Vitória - ES, n. 7, 2008, p.1-20.

RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vittorio. *a fé em crise? O cardeal Ratzinger se interroga*. São Paulo, EPU, 1985.

RIES, Julien. *O sagrado na história religiosa da humanidade*. Petrópolis - RJ, Vozes, 2017.

ROSSETTI, Regina; SILVA, Fábio Diogo. Transposição estética da imagem religiosa da literatura para o cinema: O Auto da Compadecida. In: *Linguagens na mídia: transposição e hibridização*



como procedimentos de inovação [recurso eletrônico], Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. (Coleção Comunicação & Inovação; v.2).

SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. São Paulo, Gol, 2013.

TAVARES, Rodrigues T. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 10, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26755>. Acesso em: 9 jun. 2021.

Recebido: 12-04-2025

Aceito: 07-08-2025